

OI, MEU NOME É JOEY!

Evelyn Petty

Acredite ou não, eu estava aguardando com ansiedade as 11 horas que ficaria a bordo de um avião. Havia dois motivos. O primeiro, e mais importante, era que eu estava a caminho de Londres para visitar nossa filha e nosso genro; nove meses haviam decorrido desde nossa última visita, e eu sentia uma saudade enorme deles. Segundo, eu estava exausta tanto no físico como na mente. As cinco horas até Washington, D.C., e depois mais seis até Heathrow pareciam insuficientes para eu descansar e esquecer minha agenda frenética. Eu esperava dormir durante a maior parte do voo. O último romance de John Grisham estava em cima dos outros objetos de minha bagagem de mão, aguardando que eu o lesse nas poucas horas em que estivesse acordada.

Atravessando o corredor com dificuldade, comecei a procurar minha poltrona. Um menino de olhos vivos cumprimentou-me com um largo sorriso.

— Oi, meu nome é Joey! Aposto que este lugar é o seu! — ele disse, pulando para o assento perto da janela. Tentei dar um tom de doçura à minha voz e disse:

— Não, acho que...

Mas, ao olhar para meu cartão de embarque, constatei que o menino estava certo. A mãe dele devia ser aquela senhora sentada do outro lado do corredor. Posso trocar de lugar com ela, pensei.

Depois de alguns instantes, percebi que minha viagem não seria conforme eu esperava. Além de estar viajando sozinho, Joey não parou de falar desde o momento em que me cumprimentou. Ele era um menino de seis anos, sorridente, loiro, de olhos azuis e esperto. Quando a comissária de bordo piscou para mim, comecei a perceber que meu descanso "já era". Ansiando por um voo tranquilo conforme eu imaginara, tentei não dar atenção a Joey, mas ele fazia uma pergunta atrás de outra na tentativa de puxar conversa. Deu certo.

Assim que o avião afastou-se do portão, perguntei-lhe para onde ele estava indo. O largo sorriso desapareceu enquanto ele me contava que estava voltando para Richmond, Virginia, onde morava com o pai.

— Fiquei duas semanas em Portland com minha mãe. — Depois de uma longa pausa, ele prosseguiu. — Eu queria morar com ela. — Lágrimas começaram a correr por seu rosto. — Gosto muito de minha mãe e não queria ir embora.

Quando o avião ganhou altitude, meu único pensamento era se as cinco horas seriam suficientes para eu confortar o coração de um menino de seis anos.

Não me lembro de tudo o que eu disse, mas logo em seguida ele mudou de assunto. O sorriso voltou, e lemos juntos, brincamos e colorimos desenhos. Enquanto saboreávamos torradas francesas com salsicha e muito

molho, Joey falava tudo o que lhe vinha à mente. Em certo momento, ele disse, com ar inocente:

– Eu gosto de cerveja. Minha mãe e o namorado dela me deixaram experimentar um pouco.

Eu expliquei a Joey, com firmeza, por que ele não devia tomar cerveja ou qualquer outra bebida alcoólica, pensando o tempo todo: Que tipo de vida está reservada para este menino?

Depois de mais ou menos quatro horas de vôo, Joey começou a ficar sonolento. Tirou os sapatos, deixando-os no chão perto de mim, deitou a cabeça em meu colo e dormiu. Lágrimas sufocavam-me, enquanto eu orava por ele. Joey conseguira um lugar em meu coração.

Depois de algum tempo, notei a presença da comissária de bordo curvada sobre nós com duas caixas de lanche e um olhar dando a entender que queria conversar comigo. Ela agradeceu-me tudo o que eu havia feito por Joey e abaixou a voz ao dizer que tinha sido encarregada em Portland de cuidar dele durante a viagem.

– A mãe dele atirou em minhas mãos a passagem e o documento do filho e foi embora com três sujeitos. Ela nem sequer deu um beijo de despedida em Joey!

O verdadeiro caráter da mãe de Joey estava começando a tomar forma para mim. Que sonhos passariam pela cabeça daquele menino loirinho, sonhos que tentavam transformar a vida real em algo mais suportável?

Logo a seguir, o piloto avisou que devíamos atar os cintos de segurança para a aterrissagem. Peguei duas barras de chocolate das caixas, enquanto a comissária se afastava para atender os outros passageiros. Passei o cinto de segurança ao redor de Joey. Quando as rodas bateram na pista, ele arregalou os olhos.

– Estamos em Washington, D.C. – eu disse onde seu pai vai se encontrar com você, Joey. Tenho algo para você. – Mostrei-lhe as duas barras de chocolate. – Uma é para você; a outra, para seu pai.

Ele endireitou-se na poltrona e deu-me um forte abraço.

– A senhora é a mulher mais linda que eu conheci! – ele exclamou.
– Não me esquecerei da senhora pelo resto da vida.

Nem eu de você, pensei, sorrindo sobre seu ombro e piscando para estancar as lágrimas. Vou orar por você, Joey, todas as vezes que eu vir um menino sozinho em um avião. Todas as vezes que eu vir uma barra de chocolate. Todas as vezes que ler sobre uma criança que está pagando a preço por ter pais irresponsáveis.

Enquanto eu fazia a conexão para o próximo vôo, senti tristeza por aquela criança, mas também gratidão a Deus por Ele ter-me concedido o privilégio de dar carinho a alguém tão carente de amor e atenção. Joey vai fazer parte de minha vida para sempre.